

herdeira inesperada

trilogia as herdeiras do duque – livro um
madeline hunter

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

COM UM PASSO LONGO, INTERCETOU-A ANTES
QUE ELA CONSEGUISSE TERMINAR...

... e puxou-a para os seus braços. O primeiro beijo foi cauteloso e doce. O seguinte já nem tanto.

O entusiasmo trespassou-a e ela sentiu-se feliz quando aquele abraço se tornou mais apertado e a sua paixão suscitou mais beijos, dezenas deles, partilhados e separados, enquanto libertavam alguma da loucura que se abatia sobre eles. De algum modo, enquanto ainda a abraçava e a beijava, ele tirou a camisa. A sensação do seu calor, da sua pele debaixo das mãos e dos lábios dela, fascinou-a de tal maneira que teve de depositar os seus beijos no peito dele, só para o voltar a sentir. Enquanto ela o fazia, ele beijava-lhe o pescoço e, com uma mão, acariciava-lhe o seio.

Uma nota de realidade soou dentro dela. Seguiu-se um instante de hesitação. Ele deve tê-lo sentido. Afastou a mão. Furiosa consigo mesma, puxou de novo a mão dele para onde estava e beijou-o com força.

O sorriso lento dele formou-se contra os lábios dela.

*Este livro é dedicado aos meus filhos,
Thomas e Joseph*

CAPÍTULO UM



Mataste-o?

A voz falava vagamente na sua cabeça, como se viajasse através da distância e do nevoeiro. Não como a voz da sua consciência, que tantas vezes lhe fazia aquela pergunta. Uma voz diferente. De mulher.

Duvido. Ajuda-me.

A mim, parece-me morto.

Garanto-te que não está morto, agora pega nisto e segura-o enquanto eu...

Agora um pouco mais claro. Mais perto. Tão perto que a cabeça lhe latejava de dor. Cada palavra era como o golpe de um martelo. Quanto mais palavras, mais golpes e mais próximos pareciam.

Devia chamar o Jeremy para que cá viesse.

Não precisamos do Jeremy. Vês?

Bam. Bam.

Já é mau o suficiente, sem isso.

Não fomos nós quem agiu mal. Segura o candeeiro mais perto, para que me possa assegurar de que é seguro. Espera, dá-me o candeeiro... Isto não é um ladrão comum, pelo seu aspeto.

O que estás a fazer com isso?

Bam, bam, bam.

A despertá-lo para que possa descobrir quem é e porque está aqui.

Bam...

O nevoeiro desapareceu, lavado por uma torrente de líquido que o

forçou a recuperar a plena consciência. A sua língua espreitou, lambendo algumas gotas sobre os lábios. Não era água. Vinho.

Não abriu os olhos de imediato. Passou alguns momentos a habituar-se à dor que gritava no seu crânio. Sentia as pernas estranhas e doíam-lhe os braços. Tentou movê-los a ambos e não conseguiu. Apercebeu-se de que estavam atados atrás de si, juntos, arqueando-lhe o corpo. Alguém o prendera como a uma ovelha, mas atrás das costas.

Abriu os olhos e viu o cano de uma pistola a poucos centímetros da sua cabeça. O olhar deslizou pelo braço que a segurava, até fitar os olhos escuros e furiosos de uma mulher muito bela, de cabelo escuro. Ela segurava a pistola como se soubesse como a usar. O olhar brilhante dizia-lhe que gostaria que ele lhe desse uma boa razão para o fazer.

Raios. Aquela noite não estava a avançar, de todo, como planeava.

— Parece estar a vir a si — disse Beth. Ergueu o aquecedor de cama, como se lhe fosse aplicar mais um golpe.

— Baixa isso. Está atado e tenho a minha pistola.

— Parece grande. As cordas poderão não o segurar. Pode subjugar-te. Devo ficar a postos, ainda assim.

— Ele não me vai atacar. — Na realidade, ele fora até ali para o fazer. As longas pestanas dele moveram-se. Passado um momento aplicou pressão contra as cordas que o prendiam. Minerva esperou que ele aceitasse a sua situação.

As roupas dele pareciam de muito boa qualidade. O sangue manchava agora o plastrão, outrora imaculado e fresco. O rosto poderia ser considerado belo, não fora pelos ossos fortes que tornavam os ângulos mais sérios do que era agora moda. Algo nele fez o seu sexto sentido enviar avisos que lhe arriaram as costas. Ele parecia um cavaleiro rico e... oficial. Qualquer que fosse a razão por que entrara naquela casa, não fora decerto para roubar alguns xelins.

Foi assaltada por diversas reações enquanto apontava a pistola ao rosto rudemente belo daquele homem. Medo. Vulnerabilidade. Sentiu um regresso do espírito inquieto que a assolara durante mais de um ano, a certa altura, e que julgara ter banido para sempre.

Por fim, as pálpebras ergueram-se. Olhos cor de safira concentraram-se na pistola dela, depois o olhar subiu até se concentrar nos olhos dela. Uma vez mais puxou pelas cordas que o prendiam.

— Minerva Hepplewhite, presumo? Chamo-me Chase Radnor. Peço desculpa pela falta da devida apresentação.

Beth sugou o ar.

— Que estranho para um ladrão, ser tão exigente em relação à etiqueta.

Só que ele não era um ladrão, pois não?

— Podem soltar-me — disse Radnor. — Nunca corro riscos com pistolas, e de qualquer maneira não represento qualquer perigo.

— É um intruso. Tenciono deixá-lo assim, enquanto presto testemunho contra si — disse Minerva.

— Ainda que o faça, nada acontecerá e limitar-se-á a adiar a minha missão. Agora, solte-me. Tenho algo importante a dizer-lhe que explicará a razão da minha presença.

Ela odiava como isso lhe provocava curiosidade e também agitação. Ele podia dizer-lhe que a investigação acerca da morte de Algernon fora retomada. Por outro lado, podia revelar que, finalmente, o larápio envolvido no acidente fora encontrado. Ou que viera buscá-la para a conduzir ao cárcere.

Ela recompôs-se. Era uma tolice construir monstros a partir da presença daquele estranho. Não havia nada que indicasse que ele conhecia a sua anterior identidade e vida.

— Explique-se primeiro. — Ela segurou a pistola com firmeza. — Não sou dada a confiar em assaltantes de casas.

Ele deu um puxão furioso às cordas atrás das costas. Semicerrou os olhos.

— Vim informá-la de algo que a beneficiará significativamente.

— E o que é?

— Herdou algum dinheiro. Uma soma avultada.

Chase não gostava quando os planos cuidadosamente delineados falhavam. Agora fazia caretas enquanto a criada, de seu nome Beth, lhe esfregava o couro cabeludo para limpar o sangue da ferida.

Uma boa dose de sangue. Sabia bem, do tempo que passara no exército, que as feridas no crânio eram famosas por sangrarem abundantemente, por muito pequenas que fossem.

Não que aquela lhe parecesse de todo pequena. O martelo ainda batia.

Estava sentado num banco enquanto a mulher robusta cuidava dele. A cerca de cinco metros, Minerva Hepplewhite aguardava pacientemente, observando-o. *Indolente*, raios. A pistola repousava agora numa mesa ao lado do local onde relaxava, num divã.

Parecia composta. À vontade. Minerva Hepplewhite tinha um nível de sangue-frio que o irritava inexplicavelmente.

— Explique-se — disse ela. — Se tinha informação para me dar, porque não apareceu à minha porta e apresentou o seu cartão?

Isso era difícil de explicar sem a deixar de guarda.

— Queria provas de que era Minerva Hepplewhite. Não queria correr o risco de falar com a mulher errada.

Ela franziu o sobrolho perante tais palavras.

As mãos afastaram-se do seu couro cabeludo, regressando em seguida para exercer pressão contra a sua cabeça. Quase amaldiçoou a mulher, embora soubesse que ela estava apenas a aplicar uma cataplasma.

A mulher, Beth, afastou-se, levando consigo o perfume a água de rosas barato.

— Feito. Agora já não deve sangrar muito. Talvez seja melhor pedir ao seu criado de quarto que lhe lave o cabelo com cuidado durante algum tempo. Se ele ensopar a sua camisa em água com sal, deverá conseguir tirar o sangue. — Ela apontou para os casacos. — Quanto àquelas manchas, não há muito a fazer.

As duas mulheres trocaram um olhar. Beth deixou a biblioteca e fechou a porta atrás de si.

— Como é que me encontrou? — perguntou Minerva Hepplewhite.

— A minha profissão é encontrar pessoas.

— Ah, é um detetive privado. Esta não é uma estranha missão? Pensei que o vosso trabalho fosse encontrar os amantes de indivíduos casados, revelando em seguida os seus delitos aos esposos.

Também fazia isso. Era o trabalho menos interessante, e o tipo de missões que não procurava. No entanto, contratavam-no frequentemente para isso, dado que tantos esposos cometiam tantos delitos.

— Não sou um detetive privado. Sou um cavalheiro que, por vezes, realiza investigações discretas.

— Se a leve distinção lhe traz o conforto de não ser um criado, agarre-se a ela.

Ele levantou-se. O crânio lançou algumas boas marteladas em resposta ao gesto, mas já não eram tão más quanto haviam sido.

— Fale-me dessa herança — disse ela.

Ela envergava um vestido de andar por casa. Tinha uma boa quantidade de folhos de renda em redor do pescoço e na bainha, mas já vira melhores dias. Informe, mas macio, revelava as suas formas, ali sentada, ondulando sobre o tecido cor-de-rosa esbatido da almofada do divã.

— Foi deixada uma fortuna a uma mulher de seu nome Minerva Hepplewhite, que reside atualmente em Londres, pelo falecido duque de Hollinburgh.

Ele ficou encantado com o modo como os olhos dela se abriram muito. Depois ela riu-se.

— Que absurdo. Deve ser uma piada. Porque haveria o duque de Hollinburgh de me deixar uma fortuna?

Ele encolheu os ombros.

— Acredite em mim, essa é igualmente a questão candente que coloco. É decerto... uma boa amiga? Uma dependente...? Uma amante?

O franzir de sobrolho dela dissolveu-se e um sorriso rasgado tomou o seu lugar.

— Amante? — Ela estendeu a mão (uma mão muitíssimo encantadora, reparou ele), varrendo com o gesto a divisão onde se encontravam. — Pareço-lhe alguém que tenha gozado do favor de um duque? Viu algum libré à porta? Uma bela carruagem no pátio?

Como aquele vestido de andar por casa, a biblioteca estava mobilada de forma simples e nada era novo. Aquilo decerto apoiava o que ela dizia, pois a modesta casa de Rupert Street dificilmente satisfaria a amante de um duque... ou, pelo menos, assim parecia.

Ainda a sorrir, ela prendeu o olhar dele com o seu. Tinha um talento para cativar a atenção com aquela concentração empolgante. Parecia convidá-lo a olhar para a alma dela, a descobrir se dizia ou não a verdade. A descobrir... tudo. Ele não era imune ao chamariz. Ela era uma mulher diabolicamente atraente. Distinta. Incomum. O seu desconcertante sangue-frio tornava-a interessante.

— Senhor Radnor, não só não era amada ou amante desse duque, como nunca o conheci.

E, com aquelas palavras, a atual missão de Chase tornou-se, de súbito, muito mais difícil.

Uma fortuna. Um duque. Minerva tentou absorver a espantosa revelação.

— Deve haver um erro — murmurou.

Radnor abanou a cabeça.

— «Minerva Hepplewhite» não é um nome comum. Encontrei-a através de um anúncio que coloquei no *The Times*. Um dos seus vizinhos avançou e apontou-me na sua direção.

Ela levantou-se, andando para trás e para a frente, enquanto absorvia o choque. Quase se esquecera de que Radnor se erguia junto à lareira, quando deu meia-volta e o viu. Alto. Moreno. Formidável. Com uma postura rígida. Talvez tivesse estado no exército. As suas feições esculpidas ficariam bem num uniforme e a dar ordens no campo de batalha. Os seus olhos azuis alternavam entre lagoas profundas e barreiras geladas.

Exsudava poder e autoridade. Era o tipo de homem que tentava uma mulher a depender dele para obter proteção e cuidado. E, talvez, para muito mais. Oh, sim, a presença do senhor Radnor também tinha esse tipo de poder. Sentiu um impulso para acreditar em tudo o que ele dizia, só para cair nas suas boas graças.

— De quanto é essa herança?

— Há um legado direto de dez mil.

Ela arquejou, os olhos muito abertos, depois virou-se de costas, enquanto absorvia o choque.

— Há ainda uma parceria numa empresa em que o duque investiu — disse-lhe. — Aí reside a promessa de muito, muito mais.

Pela primeira vez na sua vida temeu desmaiar. Tomar conhecimento de tal coisa, e de um modo tão bizarro...

Aquilo acalmou-a. A mente dela clareou e os seus pensamentos alinharam os acontecimentos daquela noite. Virou-se para o fitar.

— Quem é o senhor? Porque o enviaram a si para me encontrar?

Ele apoiou o cotovelo na cornija da lareira e relaxou, numa pose de descontração aristocrática.

— O duque era meu tio. O herdeiro, meu primo, pediu-me que ajudasse o solicitador a encontrar os legatários não familiares para que a propriedade possa ser distribuída de forma oportuna.

O primo era o novo duque. O que fazia daquele homem o neto de um duque anterior. Tentou imaginá-lo num baile da alta sociedade, mas em vez disso via-o constantemente com o uniforme de um centurião

romano. De acordo com as provas reveladas pelas calças justas, tinha umas pernas que ficariam bem num tal uniforme.

— Como morreu o duque?

Ele não respondeu de imediato, o que serviu apenas para aumentar o seu interesse.

— A casa de campo tem um parapeito na linha do telhado atrás do qual se pode andar. Era frequente subir até lá, de noite, para apanhar ar. Infelizmente, certa noite... caiu.

Aquela ligeira hesitação e a subtil alteração no tom de voz lançaram um arrepio pelas costas dela. Minerva dominou o alarme e manteve a compostura.

— Então foi um acidente.

— É o mais provável.

— Não tem a certeza?

— Provavelmente será investigado. Os duques têm os seus privilégios, mesmo na morte.

Ela avançou para ele, até se encontrar a metro e meio de distância. Fitou-o, olhos nos olhos.

— Creio que acredita que não se tratou de um acidente. Acredita que ele foi empurrado. — Ela aproximou-se mais. — Talvez acredite que tenha sido eu a empurrá-lo.

O gelo com o qual fitou os olhos dela derreteu-se e por um instante ela viu o suficiente nos seus olhos para saber que tinha razão.

— De modo nenhum — mentiu ele. — Agora, para reclamar esta herança, terá de se apresentar perante o solicitador que serve de executor dos bens. — Levou a mão ao bolso da sobrecasaca e retirou dele um cartão. — Eis o seu nome e a localização dos seus escritórios.

Ele fazia tudo parecer tão simples. Só que não era. Aquele legado complicaria tudo e reabriria uma perigosa porta.

Ela pegou no cartão.

— Eu saio sozinho.

Enquanto ele avançava para a porta, ela fitava o cartão de visita do solicitador.

— Oh, há mais uma coisa — disse ele, virando-se para trás. — É possível que o solicitador lhe faça perguntas acerca do seu passado, para se assegurar de que é a mulher certa. O testemunho referia-se a si como Minerva Hepplewhite, anteriormente conhecida como Margaret Finley de Dorset, viúva de Algernon Finley.

Depois partiu, deixando-a absolutamente atordoada.

Teria jurado que, em Londres, ninguém sabia do seu passado, com exceção de Beth e do filho de Beth, Jeremy. *Ninguém*.

Contudo, aparentemente, aquele duque — o duque de Hollinburgh — sabia exatamente quem ela era.

Agora que pensava nisso, estava certa de que o senhor Radnor não tinha entrado em sua casa para se assegurar da exatidão da identidade dela, como alegara. Havia maneiras melhores de o fazer. Fizera-o porque desconfiava dela.

Talvez porque já soubesse da acusação de homicídio de que fugira em Dorset.

Na manhã seguinte, Chase deixou o seu apartamento e atravessou St. James's Square. Aproximou-se de um conjunto de edifícios no limite ocidental de Whitehall.

Robert Peel escrevera-lhe, pedindo-lhe que se encontrassem às nove horas. Ainda não andava por ali ninguém. Chase perguntou-se se a ideia fora essa, ou se, sendo filho de um industrial, o secretário do Interior começaria sempre o dia àquela hora.

Se o pedido tivesse sido feito pelo anterior secretário do Interior, Chase teria recusado. Não gostava de Sidmouth, nem aprovava a maneira como utilizara o poder do seu gabinete. Tinha havido demasiados agentes fracamente supervisionados a criar demasiados problemas por toda a parte, para seu gosto. Peel, contudo, mostrara-se hábil a descobrir outras maneiras de acalmar a agitação, e já tinha conduzido uma reforma das leis criminais através do Parlamento.

Um bom homem, pelo que vira até ali. O pai havia acumulado uma riqueza tremenda com as suas fábricas têxteis e outros empreendimentos, e o filho fora criado e educado de modo a ocupar um lugar na sociedade. Dizia-se que seria o próximo Pitt, *o Novo*. Sendo já secretário do Interior e protegido de Wellington, acabaria, provavelmente, por chegar a primeiro-ministro, e herdaria não apenas a riqueza, mas também o título de baronete que o pai recebera.

Enquanto virava para a passagem do Tesouro e avançava por baixo dos seus arcos de pedra, viu uma figura no final. De peso e dimensão medianos, o homem tinha o cabelo cortado à moda e um rosto de feições regulares, não fora pelo nariz aquilino e proeminente. Peel encontrar-se-ia

com ele a meio caminho e envergava um sobretudo. Ao que parece, não iriam conversar no gabinete. Chase concluiu que a hora matutina sempre se destinara a evitar testemunhas.

Depois de o saudar, Peel fitou a cataplasma na cabeça dele.

— Espero que o outro tipo tenha ficado pior.

Não, a mulher que fez isto está ilesa e impenitente. Pensara em Minerva Hepplewhite até altas horas da noite, lutando com a forma como ela o irritava e... fascinava, ao mesmo tempo. Se tivesse razão em relação à morte do tio, contudo, ela permanecia o suspeito mais provável. Não só o determinava aquela súbita boa sorte, mas também aquele sangue-frio que tanto o impressionara. Não era alguém que se deva subestimar.

— É uma ferida pequena... parece pior do que é.

— Acompanhe-me — disse Peel.

Colocaram-se lado a lado e começaram a percorrer, lentamente, o caminho que Chase acabara de fazer.

— É minha esperança que consiga resolver um dilema que se me colocou — disse Peel. — Está relacionado com a morte do seu tio.

Peel estivera entre os muitos presentes no funeral. Tal como o pai de Peel, com quem o falecido duque fizera alguns negócios.

— Se as coisas tivessem ocorrido como normalmente ocorrem, se o seu herdeiro tivesse recebido tudo, todos diriam que era uma pena que tivesse caído, e por aí se ficariam — disse Peel. — Temo que aquele seu testamento esteja a fazer mexer as línguas. Tanto dinheiro e, no entanto, tão pouco para a família.

— Já é do conhecimento geral, então?

— As suas tias e alguns primos não silenciaram o seu desagrado.

— É a sua fortuna pessoal, pode cedê-la conforme lhe aprouver.

— Claro. Claro. No entanto, tantos parentes furiosos. Circunstâncias ambíguas. Legatários misteriosos. É algo que exige explicação.

Os legados misteriosos pediam, sem dúvida. Três nomes. Três mulheres. Ninguém na família ouvira falar delas, e Chase só conseguira localizar uma delas na semana anterior. Na fúria com que a leitura do testamento foi recebida, fora lançada sobre aquelas mulheres uma variedade de adjetivos pelos membros da família, nenhum deles elogioso.

O que seriam aquelas mulheres para o tio Frederick? Minerva alegava não ser sua amante; talvez as outras também não o fossem. Podiam nunca ter conhecido o duque, tal como ela afirmava nunca ter conhecido.

Podiam estar mortas, tanto quanto sabia. Alguns dos seus parentes estavam a contar com isso.

Seria o tio Frederick tão excêntrico, tão perverso, a ponto de deixar uma parte considerável dos seus bens pessoais a três mulheres com quem não tinha qualquer relação? Chase não rejeitava essa ideia à partida, mas se fosse esse o caso, como teria o tio escolhido aquelas mulheres em particular?

— Se diz que tudo isto precisa de ser explicado, não vou discordar consigo.

— Não sou eu quem o diz. A minha vontade era deixar tudo como está. O rei, contudo, diz outra coisa. O primeiro-ministro concorda. Outros ministros e vários duques entraram em contacto comigo. O meu próprio pai, Deus nos ajude... foram muitos os que me abordaram durante esta semana. «É impossível que tenha caído.» Esse tipo de coisas.

Continuaram o seu lento passeio pela rua.

— Presumo que tenha subido e olhado para aquele passadiço e para-peito. O que lhe pareceu?

É impossível que tenha caído.

— Ainda não investiguei o suficiente para formar uma opinião. Presumi que, se alguém fosse seguir a questão, seria o seu gabinete.

— Ah, sim. No entanto, fazê-lo serviria apenas para alimentar a tempestade. Seria tudo muito público. Todos ficariam a conhecer as desconfinanças. Seria um escândalo para toda a família, independentemente do que se viesse a concluir. Donde o dilema.

— Decerto tem alguém que possa ser discreto.

— Saber-se-á, sem dúvida, se lançarmos um inquérito oficial. Além disso, os melhores agentes ao meu dispor não são conhecidos por serem delicados. O insulto à sua família será grande. A destruição da sua privacidade, inimaginável. — Peel parou de andar e virou-se para ele. — Tem experiência nestas coisas, segundo creio. Do tempo que passou no exército e agora na sociedade. Ao que me disseram, é o homem a contactar quando surge a necessidade de uma investigação mais discreta.

— Se sugere que realize esta investigação por si, deixe-me realçar que dificilmente me pode considerar parte desinteressada.

— Conto que esteja muito interessado. Ele era como um pai para si. O senhor era o seu sobrinho preferido. Tenho a certeza de que quer saber o que aconteceu. Na realidade, acredito que tencionava realizar a sua própria investigação, independentemente do que fizéssemos.

Raios, sim, planeava descobrir o que tinha acontecido. No entanto, isso era diferente de operar como um agente do Ministério do Interior.

— A minha posição comprometerá qualquer relatório que lhe apresente.

— Quer com isso dizer que, se a informação apontar para alguém que lhe seja próximo, ou para uma conclusão que ensombre o bom-nome do seu tio, se sentirá tentado a ignorar ou a lidar com a questão como os cavalheiros fazem tantas vezes. — Peel sorriu vagamente. — Bem, sim.

Mataste-o? Aquele sorriso cúmplice fez a pergunta ecoar baixinho na sua cabeça.

— No entanto, a sua integridade na questão jamais será posta em causa — continuou Peel. — É conhecido com sendo um homem de caráter, ainda que os seus métodos sejam, por vezes, pouco convencionais.

Peel andara a falar com pessoas, isso era claro. Provavelmente recebera mais informações do que Chase gostaria.

— Independentemente do que possa descobrir, haverá sempre quem pense o pior.

— Não nos preocupemos como todos *esses*. A minha única preocupação é para com algumas pessoas muito específicas que querem este assunto resolvido. Não ficará sob a nossa alçada, claro. Não será um dos nossos agentes. Reportará apenas a mim, e fá-lo-á em privado. Eu, por minha vez, responderei apenas perante essas pessoas, em privado.

— E se for necessária uma ação menos privada? Estamos a falar de um possível homicídio. — Usar a palavra de um modo tão direto soava rude, no âmbito daquela conversa educada.

Peel dirigiu-lhe um olhar rápido de profundo escrutínio.

— Se concluir que a justiça precisa de agir de modo formal e oficial, esta fá-lo-á. — Começaram a avançar de novo para a passagem. — Posso começar o meu dia, sabendo que isto foi resolvido? — perguntou Peel. — Gostaria de enviar alguns bilhetes, indicando que foi iniciado um inquérito não oficial.

Chase pesou a oferta. Peel passara o dilema para as suas mãos. No entanto, pretendia utilizar em pleno as suas capacidades para determinar o que acontecera no telhado. Se aceitasse aquela missão privada, pelo menos não teria nenhum agente do Ministério do Interior a atravessar-se no seu caminho. Por outro lado, mesmo de um modo não oficial, a opção de ignorar o que viesse a descobrir ficaria gravemente comprometida.

Descobrir a verdade tornar-se-ia uma questão de dever, não apenas de curiosidade pessoal.

Talvez fosse melhor assim.

— Pode enviar os seus bilhetes ao rei e ao primeiro-ministro. Realizarei a investigação e levá-la-ei até ao fim, aonde quer que me conduza.

CAPÍTULO DOIS



Duas manhãs depois de ter batido na cabeça de Chase Radnor, Minerva servia três chávenas de café sentada à gasta mesa de madeira da cozinha. Beth encheu as tigelas de papas de aveia com uma concha, depois colocou sobre a mesa um pão, juntamente com manteiga e um pouco de queijo. Jeremy, sempre educado quando se encontrava à mesa, esperou que ambas se sentassem com ele sob as vigas do teto na sala quente. Depois comeu com o apetite do jovem que era.

Minerva ainda via o rapazinho que Jeremy fora recentemente quando olhava para ele. Por vezes tinha de se recordar que ele já tinha vinte e um anos.

Ela partiu um pouco de pão e retirou uma colher de papas de aveia enquanto o via a devorar o queijo. Provavelmente ainda estava a crescer. Lembrou-se de quando ele não passava de um jovem louro, alto e magro, de quinze anos. Agora era um homem louro, alto e magro, que começava a encher, mas era, anda assim, magro por natureza. Tinha o cabelo comprido porque dizia que a mãe o deixava sempre com o aspeto de um criado quando lho cortava.

Por fim, abrandou o suficiente para poder falar.

— Deviam ter-me chamado, é tudo o que digo.

Retomava a conversa do dia anterior, quando tomara conhecimento da inusitada visita do senhor Radnor.

— Se não te tivesses mudado para aquela velha casa das carruagens, já aqui estarias — murmurou Beth.

— Essa conversa outra vez não, mãe.

— Estou só a dizer que contigo a viver nas traseiras da casa podíamos ter sido assassinadas enquanto dormíamos e tu não te aperceberias de nada.

— Pelo menos não seria também assassinado — disse Minerva. — Saímos-nos muito bem sozinhas, Jeremy. Ele nem soube o que lhe acertou até ter recuperado os sentidos. Agora, quero falar acerca do legado.

Jeremy sorriu.

— Eu também. É muito dinheiro. Passei a maior parte da noite passada a sonhar com um belo par de cavalos e uma carruagem.

— Ainda bem que estiveste a sonhar. Eu não dormi de todo nas duas últimas noites. Tenho estado demasiado chocada — disse Beth. — Dez mil é uma fortuna. E há mais, diz. Nem que fossem cem seriam riquezas como jamais me atrevera a pedir. Ficarás mais rica do que algumas senhoras da sociedade.

— Ficaremos *todos* ricos — disse Minerva. — Continuo tão chocada quanto tu. É demasiado espantoso. Ainda mais tendo em consideração que nunca conheci este duque. Estou certa disso.

— Deves tê-lo conhecido a certa altura, só que não te lembras — disse Jeremy.

— Eu lembrar-me-ia de conhecer um *duque*.

— Talvez seja um daqueles tipos peculiares que gostam de fazer coisas esquisitas como dar dinheiro a estranhos — disse Jeremy. — Simplesmente tiveste sorte.

— Não tenho outra explicação senão essa. No entanto, ele sabia bastante sobre mim, por isso não foi totalmente aleatório.

— Sabia demasiado, a meu ver — murmurou Beth.

Minerva optou por ignorar.

— Um dia ficaremos a saber como isto aconteceu, mas tenciono aproveitar o milagre que se apresenta. Enquanto sonhavas com cavalos, Jeremy, eu estava a pensar em como poderíamos usar parte desse dinheiro. Tenho alguns planos que gostaria de partilhar convosco.

— Então tencionas visitar o solicitador e reclamá-lo? — disse Beth. — Não estou a dizer que não seja tentador. Também eu sonhei um pouco durante o dia de ontem. Dava-me jeito alguns tachos novos, para começar, e algumas toucas. Mas parece-me perigoso. E se... — ela espetou

a colher nas papas de aveia. — Há cinco anos que estás aqui em segurança. Há cinco anos que ninguém sabe nada acerca do teu casamento, ou acerca... do resto. Ora, isto pode abrir uma porta que fechámos e trancámos. — Dirigiu a Minerva um olhar cortante.

Minerva considerava Beth a sua melhor amiga, pelo que levou muito a sério aquele olhar. Beth trabalhara por metade do ordenado como criada na casa de Algernon, para que lhe fosse permitido ter consigo o filho pequeno. Tornara-se uma mãe para a jovem noiva que Algernon levava para casa. Muito antes de Minerva ter encontrado uma forma de escapar daquela casa, aqueles dois haviam-se tornado a sua verdadeira família.

— Beth, rejeitar o legado não alterará a verdade de que o meu passado está agora ligado ao meu novo nome. Os dois nomes foram usados naquele testamento.

— Para de tentar estragar a diversão, mãe. A Minerva vai ficar rica. — Jeremy ergueu os braços e abanou as mãos enquanto ria. — *Rica! RICA!*

— É melhor que lhe contes o resto, Minerva, antes que ele me chame uma velha louca por me preocupar demasiado.

— O resto? De que estão a falar?

— Jeremy — disse Minerva. — Ontem, quando te falei da visita de Radnor, deixei de fora alguns pequenos pormenores.

— Quão pequenos?

— Nada pequenos — disse Beth. — Grandes. Enormes.

— Porque não deixam que seja eu a decidir de que tamanho são? — Jeremy ficara agora sério.

— As circunstâncias da morte do duque foram suficientemente estranhas para levantar perguntas.

— Disseste que ele caiu de um telhado. Um acidente.

— O mais provável é que tenha acontecido.

— O que quer dizer que talvez não tenha sido um acidente? — O seu rosto ficou tenso. — Deviam ter-me dito de imediato. Isso explica o porquê de Radnor se ter esgueirado e de estar no teu escritório. Estava à procura de alguma coisa.

— Não posso ter a certeza, mas o meu sexto sentido diz que sim. Se existir alguma dúvida acerca da forma como o duque morreu, seria natural que se perguntassem em relação *a mim*. Não sou conhecida da família e benefício com a sua morte. Sob tais circunstâncias, seria de esperar que o senhor Radnor ficasse curioso. Se eu estivesse no seu lugar, também ficaria.

— Como fazes tudo parecer razoável — disse Beth. — É como se estivesses a arranjar desculpas para aquele malvado.

Talvez estivesse. Se assim fosse, provavelmente estava relacionado com o facto de ter sonhado com Chase Radnor na noite anterior. Culpava a sua feminilidade sedenta por isso. Há já vários meses que sonhos atrevidos a perseguiram, sonhos em que o seu falecido marido, Algernon, felizmente não aparecia. Em vez disso, surgiam homens que lhe haviam captado a atenção, ainda que só os houvesse visto de relance. Lacaio de passagem. Belos lojistas. Cavalheiros que com ela se cruzavam na rua. Invadiam-lhe a cabeça até ela acordar quente e frustrada.

Presumira que, depois das suas experiências com Algernon, não voltaria a sentir qualquer interesse em tais coisas. Aparentemente, a natureza humana acaba por vingar, mesmo no caso de alguém como ela. Apesar da inquietude dos seus sonhos, recebia de bom grado a indicação de que uma parte morta de si pudesse estar a rejuvenescer, ainda que apenas enquanto dormia.

Na noite anterior, com o senhor Radnor, as coisas haviam progredido mais do que o habitual. Ainda não conseguira purgar as imagens do sonho da sua cabeça. Estava constantemente a ver, em particular, as suas pernas nuas. O sonho abençoara-o com umas pernas muito boas.

— Agora percebes porque me preocupo? — disse Beth a Jeremy.

Minerva conseguia ver Jeremy a analisar a questão na sua cabeça e imaginava cada passo que a sua lógica ia dando. O seu próprio pensamento, afinal de contas, havia seguido esse mesmo caminho.

Se o duque fora empurrado de um passadiço no telhado, alguém o havia empurrado. Se Radnor ou um magistrado comessem a procurar um culpado, os que beneficiassem com a sua morte seriam investigados. Se fossem realizadas investigações mais aprofundadas em relação a Minerva Hepplewhite, alguém ficaria a saber que, quando era Margaret Finley, fora suspeita do homicídio do marido. Não só se tornaria um importante suspeito na morte do duque, como a morte de Algernon poderia ser de novo analisada.

— Eu digo que partamos de Londres — disse Jeremy. — Será terrível abdicar de uma fortuna, mas ficarás mais segura desta maneira.

Não só ela, bem o sabia, mas também a sua família. Beth e Jeremy.

Ela estendeu os braços e tomou as mãos de Jeremy e Beth nas suas, apertando-as com força.

— Para onde iríamos? Como viveríamos? Aguentámos até aqui

porque eu tinha algumas joias para vender, mas já desapareceram todas. — Fora uma bênção que nos primeiros dias do seu casamento Algernon lhe houvesse oferecido as joias da mãe, e que os seus credores não as pudessem reclamar depois da sua morte.

— Encontrarei trabalho — disse Jeremy.

— Eu também posso — acrescentou Beth.

— Não — disse Minerva. — Não vamos fazer as malas e desaparecer noite fora. Prometo-vos, se em algum momento parecer que algum de nós está em perigo, então deixaremos Inglaterra. Com alguma sorte, terei já recebido parte do fundo deste legado por essa altura, pelo que não o faremos apenas com a roupa que trazemos no corpo. — Ela apertou-lhes as mãos. — Juro-vos que fortuna alguma me convencerá a ficar, se acreditar que algum de nós está em risco. Mas não fugirei enquanto não tiver uma boa razão para isso, e tenciono fazer o que puder para garantir que nunca teremos de dar esse passo.

O sobrolho de Beth franziu-se.

— Garantir como?

Minerva libertou-lhes as mãos e levantou-se.

— Venham comigo e mostrar-vos-ei.

Subiram e entraram no pequeno gabinete no piso térreo, onde Minerva batera em Radnor com o aquecedor de cama. Jeremy e Beth trocavam continuamente olhares perplexos.

Minerva contornou a secretária e abriu uma gaveta. Do seu interior deslizou uma grande folha de papel. Na véspera, enquanto delineava os seus planos, redigira as palavras que agora cobriam a folha, bem como a disposição da cartela que as rodeava.

Ergueu-a com um floreado cerimonial.

Os olhos de Beth abriram-se muito. Jeremy sorriu.

— Gabinete de Investigações Discretas Hepplewhite — leu Jeremy. — É um bom nome. Memorável.

— Estás mesmo a pensar fazer isto? — perguntou Beth. — Tínhamos falado sobre isso, mas não de uma forma séria. Era apenas um sonho com que brincávamos.

— Para mim, nunca foi apenas um sonho. Há mais de um ano que o planeio — disse Minerva. — Somos bons nestas investigações. Muito bons. É o meu único talento verdadeiro. Provámo-lo com

Algernon. Fizemos aquele bom serviço à senhora Drable e até eu fiquei impressionada com as nossas capacidades para descobrir a identidade daquele ladrão. Adiámos começar este serviço de um modo formal por causa dos custos, mas agora terei dinheiro para o pagar. Este legado permitir-nos-á fazer isto adequadamente, com cartões de visita e guarda-roupas corretos, bem como um meio de transporte quando dele necessitarmos.

— É pouco provável que deixes o gabinete do solicitador com os dez mil na carteira — disse Beth. — Ainda poderá demorar algum tempo para que possamos começar.

— Utilizaremos o crédito das lojas, tendo em conta as minhas expectativas. Isso é bastante comum.

— A meu ver, é um trabalho fácil — disse Jeremy com um grande sorriso.

A mãe franziu-lhe o sobrolho.

— Isto não é um jogo.

— É, quando se tem jeito para ele.

E ele tinha jeito. Todos tinham. Tinham praticado durante uma altura em que ter jeito para isso significava a diferença entre a vida e a morte. Numa situação assim, uma pessoa aprende bem depressa.

— Já tenho tudo pensado — disse Minerva. — Levarei isto e mandarei fazer uma tabuleta de bom gosto para colocar à porta. Uma pequena, de bronze. Depois vou encomendar cartões de visita para todos nós. Vou visitar a senhora Drable e pedir-lhe que recomende os nossos serviços a outros que deles possam necessitar. No entanto, já temos o nosso primeiro cliente.

— E quem será? — perguntou Beth.

— Eu...